



5º Simposio de Ensino de Graduação

REFLEXÕES SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA DISCIPLINA FILOSOFIA DA CIÊNCIA PARA A FORMAÇÃO DO FARMACÊUTICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Autor(es)

DANIELA FERNANDA MASSON

Co-Autor(es)

SILAS ARANDAS MONTEIRO E SILVA

Orientador(es)

Adriana Duarte Bonini Mariguela

1. Introdução

“A ciência sem consciência não é senão a ruína da alma”. Rabelais Muitas pessoas, ao ingressarem em um curso na área da saúde, se espantam e estranham ao ver que a disciplina Filosofia da Ciência está incluída em sua grade curricular, no nosso caso, no primeiro semestre do curso, pois, inicialmente, não entendem a aplicabilidade dessa disciplina para a sua futura vida profissional. Porém ao se deparar com o conteúdo abordado durante as aulas, torna-se evidente a importância desta para a Formação do Farmacêutico uma vez que a preocupação central da filosofia da ciência está assentada na reflexão sobre a formação da ciência e seus pressupostos, enfocando a análise do método científico. Assim, para além de executar procedimentos científicos, utilizar conceitos e métodos, o Estudante de Farmácia tem como possibilidade refletir sobre a ciência, sua produção e suas implicações, de maneira a investigar as características das teorias científicas, sua proposta de objetividade, a função da observação e explicação científica. Para empreender tal trabalho, a disciplina nos estimulou à leitura de textos, abordando os diferentes tipos de conhecimento, se aprofundando no conhecimento científico. Os textos de diversos autores, tais como, Marilena Chauí, Maria Lúcia Aranha, Maria Helena Pires Martins, Gérard Fourez, artigos do Jornal “Folha de São Paulo” e reportagem da “Revista Época” foram acompanhados de análise, discussões e debates associados à exibição de documentário e filmes. Particularmente, nossa experiência de diálogo entre textos e filmes se travou com os filmes “Frankenstein de Mary Shelly” dirigido por Kenneth Branagh em 1994; “Ó Óleo de Lorenzo” dirigido por George Miller em 1992e, finalizando o conteúdo, o documentário “DNA: a promessa e o preço” produzido em 2001 pela Discovery Channel.

2. Objetivos

Dessa maneira, nos propomos a refletir nossa experiência na disciplina Filosofia da Ciência, objetivando analisar as contribuições das análises realizadas sobre a ciência e seu método para a formação do profissional da área farmacêutica.

3. Desenvolvimento

Desde os primórdios, o homem estabeleceu para com os objetos uma relação de curiosidade que o impulsionou a construção e elaboração de conhecimentos: se no início, conhecer os objetos e a realidade exterior sustentava-se pela necessidade de sobrevivência, posteriormente, o conhecimento passou a ser o próprio objeto e o saber foi cultivado. No decorrer da história e das relações, vários tipos de conhecimento foram produzidos e cultivados enlaçando o homem ao mundo. O senso-comum, o conhecimento espontâneo, está presente em nosso cotidiano sendo, a primeira manifestação do contato do homem com o mundo, através de seus sentidos e impressões. O mito, através de suas narrativas, magias e discursos fabulosos, é uma maneira de explicação das origens das coisas, “permeado pelo desejo de atrair o bem e afastar o mal” (ARANHA & MARTINS, 2005, p.102). A arte desvela o mundo através das impressões e interpretações do artista: através da obra, o artista representa e immortaliza o real. A filosofia, através da indagação e estratégia questionadora, busca analisar e investigar o homem e sua realidade e dessa maneira, objetiva o estudo dos problemas existenciais se propondo “oferecer um tipo de conhecimento que busca, com todo o rigor, a origem dos problemas, relacionando-os a outros aspectos da vida humana, sem se restringir a uma única esfera do conhecimento ou a um único aspecto do objeto” (ARANHA & MARTINS, 2005, p.102). A ciência, com o intuito de explicar, analisar e compreender as coisas da natureza, através das relações entre sujeito e objeto e de causa e efeito, busca o conhecimento objetivo e nesse sentido, necessita de um método para demonstrar suas afirmações e certezas. As diferentes formas de conceber o mundo e produzir conhecimento assim como o cultivo ao saber pode ser reconhecido desde a Grécia Antiga, nas figuras e nas preocupações dos filósofos: [...] se o pensamento racional se desliga do mito, filosofia e ciência encontram-se ainda vinculadas. Aliás, não haverá separação entre elas antes da modernidade. Para os gregos, há um saber que envolve tanto o conhecimento dos seres particulares (ciência) quanto o conhecimento do ser enquanto ser (metafísica). Isso significa que a essa ciência falta um método próprio que a distinga da filosofia (ARANHA & MARTINS, 1986, p.124). Da ciência grega para ciência moderna houve um deslocamento, pois a ciência moderna fundou-se na distinção entre os conhecimentos da filosofia e da ciência, emergindo, portanto, com a determinação de um objeto específico de pesquisa e com o método pelo qual se fará o controle desse conhecimento. As contribuições de Nicolau Copérnico (1473-1543), Giordano Bruno (1548-1600), Johannes Kepler (1571-1630), Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650), Isaac Newton (1643-1727), dentre outros, foram de grande importância para a produção de conhecimento no Ocidente. A revolução científica do século XVII ancorou-se na substituição da teoria geocêntrica pela teoria heliocêntrica que, para além, da inovação da teoria sobre o universo modificou o modo de vida das pessoas à medida que o homem, diante do novo, precisou re-construir suas referências, seus conceitos e se pensar num novo mundo. Do mundo fechado para o universo infinito, uma das grandes transformações se dá na concepção de verdade, pois a verdade começou a se dissociar da verdade revelada e a verdade científica passou a ser almejada. Dessa maneira, o que fundamentou a modernidade foi à reflexão sobre a veracidade do conhecimento. Pode-se dizer, aproximadamente, que essa revolução científica e filosófica – é de fato impossível separar o aspecto filosófico do puramente científico desse processo, pois um e outro se mostram interdependentes e estreitamente unidos – causou a destruição do Cosmos, ou seja, o desaparecimento dos conceitos válidos, filosófica e cientificamente, da concepção do mundo como um todo finito, fechado e ordenado hierarquicamente (um todo no qual a hierarquia de valor determinava a hierarquia e a estrutura do ser, erguendo-se da terra escura, pesada e imperfeita para a perfeição cada vez mais exaltada das estrelas e das esferas celeste), e a substituição por um universo indefinido e até mesmo infinito que é mantido coeso pela identidade de seus componentes são colocados no mesmo nível de ser. Isto, por seu turno, implica o abandono, pelo pensamento científico, de todas as considerações baseadas em conceitos de valor, como perfeição, harmonia, significado e objetivo, e, finalmente, a completa desvalorização do ser, o divórcio do mundo do valor e do mundo dos fatos” (KOYRÉ, 1986, p.14). Esse divórcio entre o mundo do valor e o mundo dos fatos, ligados às questões relativas ao

conhecimento e às relações do sujeito do conhecimento com o objeto conhecido, ocupou as investigações e preocupações teóricas fazendo emergir a atenção ao método, lançando o olhar sobre o como conhecer. Do século XVII ao XIX, elaborações, teorias e investigações foram realizadas, reforçando a importância da ciência para a sistematização do conhecimento e da verdade. Nesse período, o mito do progresso, advindo pela ciência encontrava-se em efervescência: a ciência, entendida como meio para se alcançar à verdade foi aceita como a forma ou fórmula para o desenvolvimento do conhecimento e dos homens. Essa forma de produção de conhecimento para ser executada e sustentada, se ancorou nas bases do método experimental. Através de um campo delimitado de pesquisa, são feitas observações de fenômenos que, por sua vez, são generalizadas e expressas pelo enunciado de uma lei. Para ser precisa e objetiva, a ciência utiliza instrumentos e linguagem específica e rigorosa para evitar ambigüidades. O controle do conhecimento científico é verificado através do método denominado experimental que passa por diversos caminhos assim como a observação de fatos, a formulação de uma hipótese, a experimentação e por fim a generalização dos fenômenos analisados que originam enunciados, descrevendo normas ou leis das quais podem ser leis gerais ou particulares. A observação científica pressupõe a relação entre a teoria, o objeto, o instrumento e o observador, pois o “ato de ver” pressupõe um suporte teórico: nesse sentido, a observação científica se difere da observação comum pelo refinamento teórico que requer do observador. A observação científica: nunca puramente passiva, supõe uma organização da visão, seguida de uma descrição (isto é, de uma interpretação em termos teóricos pré-adquiridos), estruturada em função de um projeto, estruturado por um ‘sujeito’ a não se confundir com a subjetividade individual (FOUREZ, 1995, p.61). A inserção do conhecimento e da ciência em seu contexto histórico e sócio-cultural tem levado a muitas discussões sobre a neutralidade da ciência e a imparcialidade do cientista. As pesquisas científicas comumente são aceitas como válidas universalmente, portando uma verdade que deve ser anunciada: se por um lado, a verdade da ciência pode ser comprovada e experimentada e o cientista deve manter com o objeto uma relação de neutralidade e imparcialidade; por outro, essa imparcialidade pode ser questionada, pois, se é necessário que o cientista não carregue suas crenças e valores pessoais em sua pesquisa, ele vive em meio de questões políticas, ideológicas, sociais e econômicas e, também, porque os conhecimentos, inclusive científico, estão sempre inseridos num dado contexto, sofrendo modificações, não podendo ser qualificado como verdadeiro, em um sentido absoluto.

4. Resultados

Histórica e tradicionalmente o conhecimento denominado científico tem se tornado problema e objeto para a área de indagação da filosofia e a Filosofia da Ciência compreendida, aqui, como um instrumento importante para auxiliar na análise dos problemas levantados pelas ciências da saúde, ciências da natureza, ciências sociais, ciências exatas, ciências humanas, ciências biológicas, etc., tem se debruçado sobre as produções científicas assim como, sobre suas limitações e conseqüências. No diálogo possibilitado entre as áreas de saber e as diferentes ramificações da ciência, a disciplina Filosofia da Ciência é relevante no processo de formação do profissional farmacêutico, que está ligado às transformações de âmbito científico, social, ético e religioso que suas inovações acarretam, contribuindo no ensino do Curso de Farmácia, nos auxiliando na observação e questionamento das ações da Assistência Farmacêutica prestada à população e na responsabilidade do cientista. Mais que trabalhar com conceitos, a filosofia busca fazer com que cada um, como um ser pensante, analise as situações, experiências e teorias, pois além de ler e debater textos e filmes em sala de aula, a disciplina nos forneceu, conceitos e idéias fundamentais para que possamos analisar criticamente, interpretar e transmitir novos conhecimentos. “Perguntaram certa vez a um filósofo: ‘Para que Filosofia?’. E ele respondeu: ‘Para não darmos nossa aceitação imediata às coisas, sem maiores considerações’” (CHAUI, 1995, p.12).

5. Considerações Finais

Para a preparação de um profissional consciente, entendermos ser necessária a presença de uma disciplina que instigue o espírito observador e pesquisador do sujeito que começa a fazer parte deste novo mundo conhecido como universidade. O espírito universitário foi despertado, pela disciplina Filosofia da Ciência,

através da atitude filosófica, ou seja, reascendendo aquela curiosidade de criança, buscando investigar, analisar, observar, indagar, questionar e assim construir posições críticas e elaborar os conhecimentos adquiridos. Este sentimento crítico que nos envolve como estudantes faz com que não aceitemos as informações como sendo algo pré-estabelecido, formulado e dito absolutamente como a verdade de uma realidade sem antes analisá-la. Certamente, essa experiência de diálogo da Filosofia com a Área de Saúde contribui para a nossa Formação como Farmacêutico e para o desenvolvimento de nossa experiência acadêmica.

Referências Bibliográficas

- ARANHA, M. L de A. & MARTINS, M. H. P. “A ciência grega”. In: **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986, p.124-132.
- _____. “Conhecimento e verdade”. In: **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005, p.98-105.
- _____. “O método científico”. In: **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986, p.149-164.
- _____. “O que é ciência?”. In: **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1986, p.116-123.
- CHAUÍ, M. “Para que Filosofia?” In: **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995, p.9-18.
- FOUREZ, G. “Reflexões epistemológicas. O método científico: a observação”. In: **A Construção das Ciências**. São Paulo: Editora da UNESP, 1995, 37-62.
- LEITE, M. Hipocondria de Resultados: revista médica acusa indústria farmacêutica de fabricar moléstias para vender remédio. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 abr. 2006. Folha Mais, p. 10.
- KOYRÉ, Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito**. 2ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- SEGATO, C.; PADILLA, I.;FRUTUOSO, S. Remédio demais? Os riscos enfrentados por crianças e adolescentes que tomam medicamentos psiquiátricos para tudo – de falta de atenção a mau comportamento. **Revista Época**, São Paulo: Editora Globo, 14 dez. 2006, p.110-115.